



593  
7

# GLORIA DE PORTUGAL

Composto por Francisco Lopez: & offerecido á Catholica Magestade del Rey N.S. Dom Ioaõ o IV

**R**ey Portugues, quarto Ioaõ  
Por reuclações diuinas,  
Embraçai as vossas quinas  
Com a espada na outra mão:  
Efeito hum Marte Christaõ  
Quem nesse lugar vos poz  
He Deos, & do pouo a voz,  
Que Deos não póde mentir,  
A palaura ha de cumprir,  
Que deu a vossos auõs.

Tende o vosso pouo vnido,  
Como está firme, & leal,  
E tornarà Portugal  
A ser amado, & temido:  
Temido por atreuido,  
Temerario, & ariscado,  
E por leal sempre amado:  
Vedes o temor, & amor,  
Que Portugal por valor  
Tem adquerido, & ganhado?

Se vierem nações varias,  
Bem as podeis consentir,  
Porque elles não haõde vir  
Se não a pagaruos parias:  
Nunca nos foraõ contrarias  
França, Olanda, Ingalaterra,  
Da mais incognita terra  
Todos pazes nos pediaõ,  
Porque tremião, & temião  
Ter com Portugeses guerra.

Agora no Reyno vosso,  
Que até agora foi alheio,  
Ia ninguem nos porà freio,  
Nem o pè sobre o pescoço:  
O nosso ja será nosso,  
Porque vós sois nosso Rey;  
Se o naõ foreis não fei;  
Porque auia dous algozes  
Da patria leões feroses,  
Sê alma, sem Deos, sem ley.

sea mesma palaura he Christo,  
Os Planetas faltaraõ,  
A sua palaura não,  
Como agora temos visto:  
Notai o prodigio disto  
Em duas oras, no mais,  
As vossas armas reays  
Andauão ja pellas praças,  
Dãdo a Deos immensas graças,  
Porque a coroa aceitais.

Rey pay, vede o catiueiro  
Que os Portugeses tiuemos,  
Que sempre dinheiro demos  
sem nos resgatar dinheiro:  
O resgate verdadeiro,  
Que se leua a berberia  
He dinheiro cada dia;  
E nõs cada dia a dar,  
Sem nos poder resgatar,  
E Deos que tudo sofria.

Quando o mudo está abrazado  
Todo em arma dura, & fera,  
Qualquer Rey, se he Rey de-  
Estar vigiando armado: (uera  
Mas se elle está retirado,  
Repoufando em cama brãda,  
Alem q Deos tal não manda,  
Fará tamanho descudo,  
Que fazenda, vida, & tudo  
Leuem os estados de Olanda.

Hum que foi com furia braua  
Dos grandes, grãde cõtrario,  
Com nome de secretario  
Publicamente roubaua:  
Mal, nem bem imaginaua  
No summo bem q o criou,  
E porque taõ mal cuidou  
Do mal, que à patria fazia,  
Da maneira que viuia,  
Dessa maneira acabou.

Não quiz a grã Catherina  
Ocupar esse lugar,  
Que o pudera ocupar,  
Por ley humana, & diuina;  
Agora o Ceo detremina  
Dar à caza de Bargança  
Esta sua antiga herança,  
Acabo de tantos annos;  
Porque os vossos Lusitanos  
Gozem perpetua bonança.

Dos vossos antepassados  
a memoria não passou,  
O mortal corpo acabou,  
Mas sempre seraõ lembrados:  
Porque eraõ Reys, & soldados,  
E a presentes, & ausentes  
A todos tinhão contentes;  
E quem assi se governa  
Faz sua coroa eterna;  
E faz vassallos valentes.

Aquelle Rey taõ aceito  
De Deos, da patria, do mudo,  
Do vosso nome o segundo,  
Rey, & Principe perfeito:  
Trazia o Reyno direito,  
Despois para mayor gloria,  
Conta a verdadeira historia,  
Que veyo aquelle excelente  
Descobridor do Oriente,  
E Rey de boa memoria.

E ja que Deos Rey vos fez  
Sabio em armas, & conselho,  
Fazei Portugal o velho,  
que refucite outra vez:  
Que se o valor Portuges  
Por armas tam conhecido  
Esteue hũ pouco encolhido,  
Pelejando à vossa vista,  
Quem ha de auer que resista  
O que o Ceo-tê prometido.

Quando Phelipe o prudente  
Quiz no vosso Reyno entrar,  
Determinou de o comprar,  
Não herdar brevemente;  
Mas agora he diferente,  
Porque não lho haõde veder,  
Mais que morrer, ou vencer;  
Que nunca ha necessidade  
De vender a liberdade,  
Se não por ella morrer.

Inda ha gente varonil,  
Que sem malhas, nê arnezes  
Sostenta contra Olandezes  
Os estados do Brazil:  
E com muitos poucos mil,  
Faltos de pano, & de pão  
Não faltos de coração  
Em sabendo o que ca vae,  
Que tem jabũ Rey, q he pay;  
Cada hum será hum leão.

Este foi o Rey primeito  
Que a Cruz na India aruorou  
Logo Ioaõ a sostentou  
Rey terceiro, & cõpanheiro.  
Vós agora o derradeiro,  
Ioaõ quarto de Portugal,  
Com hum viua vniuersal,  
Coroado na gram Lisboa;  
Sinal que vossa coroa  
Ha de ser Impirial.

Se por milagre euidente  
O Ceo o Reyno vos dá,  
O Ceo o defender  
Tambem milagre  
A vossa nação val  
Defendendo  
Darà Deos,  
Como anim  
A cada hu  
E a todos.

Vede o vosso Lusitano,  
Condestable, sem segundo,  
Tam nomeado no mundo,  
Açoute do Castelhanao:  
Que sem temer morte, ou dano,  
Aquelle rayo, ou espada,  
Amado de madrugada  
Era sempre dos primeiros;  
Que assi fazem os caualeiros,  
Leais pella patria amada.

Vede que fez no Orienre  
O valente Portuges,  
E julgai pelo que fez  
Se he scouarce, se vale irre:  
Vós que sois Rey de tal gente;  
E Portuges verdadeiro,  
Dado do Ceo por herdeiro,  
Tam Christaõ & valeroso,  
Quem será mis poderoso,  
Venha todo o mudo inteiro.

Quem em Duque foi senhor  
Tã Christaõ, sabio, & potente,  
Agora Rey, facilmente  
Pode ser Emperador:  
Se só de Deos hum fauor  
Vos poz no regio lugar,  
Com outro fauor vos dar,  
O Principe, que vos deo  
Põde co fauor do Ceo  
A terra Santa chegar.

E quando o  
Asanhado  
Iesu diui  
Da nossa p  
Leão que só  
Sem vzar  
Defendo  
Com o c  
Quanto  
Cinco ch